

CORPOS QUE DANÇAM COM AS DIFERENÇAS

Coordenador: MARA RUBIA ANTUNES

Dados do IBGE (1992) estimam que cerca de 10% da população brasileira seja composta por pessoas com algum tipo de deficiência. Destes 10%, um quinto são deficientes físicos. Ou seja, uma em cada 10 pessoas apresenta algum tipo de deficiência, e duas em cada cem possuem deficiência física. Estas pessoas, além das complicações orgânicas, muitas vezes convivem com um distanciamento das atividades sociais. Isto ocorre devido ao valor negativo que é dado pela sociedade ao comprometimento físico, classificando o indivíduo, na maioria das vezes, como "incapaz". Há uma idéia de que pessoas com deficiência física, muitas vezes, não correspondem ao desempenho esperado pela comunidade e esta passa, então, a excluir os corpos "diferentes", através de atitudes preconceituosas e restrições ambientais, como as barreiras arquitetônicas. Felizmente, nos dias atuais, existem pessoas com deficiência física incluídas na sociedade, trabalhando e produzindo, porém a maioria continua afastada desta realidade. Para Santin (1987), em todas as suas funções e vivências o homem necessita ser corpo, o que é bem diferente dizer que precisa do corpo. O princípio do uso do corpo deve ser substituído pela idéia de ser corpo, ou seja, de viver o corpo, de sentir-se corpo, os proprietários de um corpo não são um "eu" ou uma consciência que podem fazer o que bem entendem deste como qualquer coisa, a corporeidade deve estar incluída no entendimento da consciência e do "eu", é na corporeidade que o homem se faz presente, todas as atividades do homem são realizadas e visíveis na corporeidade. Segundo Rauber (2002), um dos principais contatos do homem com a sua cultura é através do corpo, nesse sentido apesar da significação do corpo na existência do homem não estar bem definida, é notável que há, uma maior preocupação em seu desvelamento, buscando entender os pressupostos sociais que resultam de tais visões de corpo, que interferem diretamente em cada pessoa, grupo ou em toda a sociedade. A corporeidade está presente na humanização do homem a partir de sua existência, é nesse momento que ele usa sua criatividade para preencher espaços, com a finalidade de determinar significados. De acordo com Gonçalves (1997), a forma de o homem trabalhar com a sua corporalidade, os regulamentos e o controle do comportamento do corpo não são universais e constantes, mas sim uma construção social, resultante de um processo histórico. O indivíduo vive em um contexto social com o qual interage de maneira dinâmica, pois ao mesmo tempo em que atua na realidade, transformando-a, esta atua sobre ele influenciando-o. Para Freitas apud Rauber (2002), o homem é seu corpo

que age no mundo como uma unidade e defende a compreensão de um corpo vivido, pois o que marca o homem são as relações dialéticas entre este corpo, essa alma e o mundo, onde se manifestam relações que transformam o corpo do homem numa corporeidade, isto é, numa unidade de expressão de existir. Acreditamos que não deveria existir diferenças, mas elas existem, e esta é a realidade a ser encarada, sabemos que todos nós somos diferentes uns dos outros, pois possuímos particularidades e individualidades próprias, por isso mesmo é que estas diferenças devem ser respeitadas por todos os indivíduos, para só assim podermos idealizar uma sociedade mais justa, onde as oportunidades nos aspectos sócio-político-culturais sejam iguais para todos. Nesta perspectiva das diferenças, muitas pessoas são excluídas pela sociedade por não apresentarem padrões estéticos ideais, um exemplo disto, são as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, tanto mentais quanto físicas. Como será que as pessoas com deficiência física vêem seu corpo? Como elas se expressam? É possível que sintam-se inferiorizadas por estarem em uma cadeira de rodas? Sendo que a pessoa é corpo, é possível que estas pessoas possam voltar a sentir alegria e orgulho de seus corpos? Bernardi (2001), salienta que vivências de sucesso, sejam estas motoras, profissionais, afetivas ou sociais, podem fazer com que estas pessoas sintam-se mais motivadas para uma vida menos sedentária e mais feliz. A dança como atividade física pode trazer muitos benefícios para estas pessoas, melhorando as capacidades físicas e psicológicas, contribuindo assim para o resgate da auto-estima e auto-imagem, promovendo a melhora do relacionamento da pessoa consigo mesmo, com as outras pessoas e com o mundo. Temos como objetivos neste projeto: oportunizar as vivências e experiências em dança para pessoas com deficiência física; desenvolver uma proposta de dança que englobe os princípios pedagógicos da dança-educação, dança-terapia e dança-arte; buscar a melhora da auto-imagem e auto-estima das pessoas com deficiência física; ativar a capacidade física em geral (força, flexibilidade, resistência muscular localizada e resistência aeróbica); proporcionar um trabalho inter e multidisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento; oportunizar aos acadêmicos a experiência de trabalhos com pessoas com deficiência física; buscar a inclusão social das pessoas com deficiência física. O público alvo são crianças e adolescentes com deficiência física da cidade de Santa Maria - RS e, no momento contamos com a participação de 06 pessoas em cadeiras de rodas, sendo 02 meninos e 04 meninas com idades entre 05 e 17 anos. O público envolvido no projeto são 03 acadêmicas do Curso de Fisioterapia/UFSM, 06 acadêmicas do Curso de Educação Especial/UFSM, 06 acadêmicas do Curso de Educação Física/UFSM, 02 professoras de Educação Física e 01 psicólogo. As aulas de dança são realizadas uma vez por semana (aos sábados), com a duração de duas

horas cada encontro no Ginásio didático n.º 02 (sala de dança) - Centro de Educação Física e Desportos - UFSM. Como procedimentos metodológicos, primeiramente é realizada a anamnese das pessoas e um estudo sobre as patologias encontradas em cada integrante cadeirante do projeto, a fim de serem respeitadas, e ao mesmo tempo trabalhadas dentro da nossa proposta; num segundo momento, as aulas são construídas baseadas nos referenciais teóricos utilizados na elaboração do projeto: princípios pedagógicos da dança-educação (Nanni, 1995 e Verderi, 1999), da dança-terapia (Fux, 1988) e da dança-arte (Dantas, 1999); e nos métodos da dança educativa moderna de Laban (1990) e do método dança-Educação Física de Claro (1995). A dança pode proporcionar a pessoas com deficiência física resultados satisfatórios a níveis orgânicos e psicológicos, independente da condição física, através da vivência corporal e da expressão de sentimentos, com liberdade de movimentos, onde o corpo é compreendido como um instrumento de percepção e comunicação com o mundo, que propicia resgatar aspectos como liberdade de expressão, criatividade e comunicação.